EXCLUSIVOS

Dez 17, 2015

Rodrigo Leão em entrevista exclusiva: relojoeiro de sons

por **Paulo Costa Dias**

EdT53 — Pode dizer-se que a escolha dos instrumentos, a temporização dos sons, a procura de harmonias nas notas, os arranjos — enfim, a composição de uma música tem muito que ver com a paixão, a dedicação e o detalhe do trabalho de um relojoeiro. Do mesmo modo, como não associar o funcionamento de uma orquestra ao funcionamento de um relógio mecânico? O novo álbum de Rodrigo Leão, *O Retiro*, é aquilo a que se chama, em relojoaria, uma 'grande

complicação'. Imperdível para quem gosta de ouvir música em silêncio e, também, para quem gosta de a ouvir com tempo.

—

Entrevista publicada no número 53 da edição impressa da Espiral do Tempo, mas aqui complementada com mais fotos exclusivas de Rita Carmo.

Tinha pensado em falarmos do teu trabalho *A Vida Secreta das Máquinas*. Pareceu-me interessante, considerando que esta é uma revista para aficionados de relógios, mas, entretanto, lançaste este álbum, *O Retiro*, e tive oportunidade de o ouvir. Eu não percebo nada de música, mas a abertura de «Inverno triste» parece a abertura de uma sinfonia.
Tem algo de sinfónico, sim.

E, noutra faixa, há um coro que nos faz lembrar música sacra ou música conventual. Como surge e de onde vem este álbum?
Este disco foi preparado de raiz para a orquestra e para o coro da Gulbenkian. Apesar de ter trabalhado ao longo destes anos com orquestras, essas primeiras experiências foram com músicas que já existiam. Esta experiência foi diferente no sentido em que as músicas deste disco foram feitas a pensar na orquestra. Para este trabalho, passei cerca de oito meses entre Lisboa e Avis, que é o meu retiro, no meio do campo, no meio das oliveiras, onde vou com muita frequência com a minha família e onde também tenho o meu cantinho, onde posso desenvolver as ideias que estou a tentar trabalhar.

O que é que te inspira no Alentejo: as paisagens, as memórias, os cheiros?
É a paisagem, sem dúvida, e o silêncio. E as pessoas, a sua simpatia...

A gastronomia?
(risos) A gastronomia, sem dúvida.

Achas que este álbum teria sido diferente se o tivesses composto, por exemplo, no Brasil?
Acho que sim. Quer se queira ou não, o ambiente que nos rodeia influencia, de forma mais ou menos consciente. É diferente se estiver frio, ou calor, se estivermos ao pé de pessoas bem dispostas. Raramente parto com uma ideia pré-concebida. Nunca tenho a ideia concreta do que vou fazer, as coisas vão acontecendo ao longo do tempo em que trabalho, que pode ser entre seis meses a um ano. Espera-se que nesse tempo surja alguma coisa (risos).

© Rita Carmo / Espiral do Tempo

Dirias que o teu trajeto enquanto músico tem sido feito com mais ruturas ou que tem sido uma evolução na continuidade?
Acho que não tem havido muitas ruturas, apesar de o meu trabalho ter influências muito diferentes que vão desde a música clássica à música *pop*, da música francesa à brasileira. Apesar de todas as influências, acho que há uma certa unidade no que tenho feito.

O que te dá prazer no processo de criação?

Concretizar as ideias que fui trabalhando. São dois momentos distintos: um em que estou sozinho a tentar descobrir as harmonias e melodias, e um segundo momento que envolve uma equipa de músicos, de produtores, de técnicos.

O que é que te interessa na música? O que te interessa fazer com a música?
É uma autossatisfação.

És compulsivo?
Sou ansioso. Estou sempre a tentar encontrar novos caminhos, novas colaborações, mas, em primeiro lugar, o meu objetivo é muito pessoal. Independentemente de gostarem do meu trabalho — o que me deixa contente, claro —, fá-lo-ia de qualquer forma. Gosto daquele momento em que a equipa chega ao ponto de achar que o objetivo está cumprido. Claro que nunca é a 100%. Há sempre erros e falhas, mas penso que eles também fazem parte do processo. Não procuro a perfeição.

Escutado este disco, pensei perguntar-te se alguma vez pensaste escrever uma sinfonia?
Sim. Quer dizer, eu não tenho experiência, não estudei para isso. Agora é evidente que este disco é o mais clássico de todos os discos que eu fiz.

E o mais complexo?
Na parte dos arranjos, talvez. Convidei duas ou três pessoas para fazerem arranjos porque eu não tenho a capacidade para os fazer para uma orquestra tão grande. Mas, apesar deste lado sinfónico, mais orquestral, na essência, a minha influência é a música *pop* dos anos 80. Em termos estruturais, de harmonias, não há nada de música erudita.

Os anos 80 foram a grande década da música *pop*?
Julgo que sim. Em Portugal, foram anos muito especiais, por que surgiram os Heróis do Mar, os Rádio Macau, a Sétima Legião, em 82. Éramos amigos de infância, ali do bairro das Estacas, perto da avenida de Roma, e estávamos fascinados pela música britânica e por bandas como os Joy Division, os Echo & the Bunnymen. Também gosto muito do *rock* progressivo dos anos 70, os Genesis, os Pink Floyd, os King Crimson, grupos que eu comecei a ouvir quando tinha 11 anos e que ainda hoje me dá prazer ouvir.

Pareceu aos meus ouvidos moucos que há, na faixa «As pessoas», uma sonoridade oriental...
Em parte, sim.

O que é que te influencia mais: os autores orientais ou o Oriente?
O Ryuichi Sakamoto é uma referência minha. Eu já estive no Oriente por diversas ocasiões, mas não conheço a China, por exemplo. Estive na Coreia, no Japão e em Macau.

© Rita Carmo / Espiral do Tempo

estiveste na Coreia do Norte. Como foi essa experiência?
Foi com os Madredeus, há talvez 25 anos, num festival gigantesco das juventudes comunistas de 160 países. Nós fomos de Portugal numa comitiva de 100 pessoas. Estivemos lá dez dias, fizemos cinco espetáculos e foi uma das experiências mais fantásticas das viagens dos Madredeus. Íamos ver peças de teatro em campos enormes com imensas cores, e era um povo muito diferente. Era tudo tão colorido que, quando cheguei, isto parecia-me tudo a preto e branco.

O que se modificou na tua forma de olhar para Portugal, e de estar em Portugal, com as viagens?
Ficamos a gostar cada vez mais de Portugal e de Lisboa. Eu lembro-me — e ainda hoje a tenho — da alegria de partir, de ir fazer concertos, mas a alegria de chegar a esta cidade fantástica é sempre maior. Eu continuo a olhar para Portugal como sempre, com um carinho muito especial.

O álbum chama-se *O Retiro*. O teu retiro físico já sabemos onde é. E o da alma?
O maior é o retiro espiritual, mental. Mesmo no meio da cidade, apesar destes ruídos, consigo abstrair-me e criar um certo afastamento, um certo isolamento para escutar música ou ler um livro. Eu penso que a música que faço transmite essa necessidade de isolamento, não é uma música para se ouvir num bar ou numa discoteca, é uma música que pode ser boa para

meditarmos, para nos abstrairmos.

Eu ouvi o álbum e ele sugeriu-me ser mais para se ouvir numa tarde chuvosa de outono que num dia radioso de verão...
(risos) É. Porque apesar de não ser um disco triste, é um disco onde existe muita melancolia — aliás, há um tema chamado «Melancolia». É uma música que transmite calma, que transmite paz.

É isso que tu és, uma pessoa calma?
(pausa)

Ou tens dias?
(risos) Sim, tenho dias. Eu acho que, apesar de ser uma pessoa por vezes muito ansiosa, cá dentro tenho alguma paz e é daí que vem a música que eu faço.

Assinaste músicas com nomes como a «Montanha mágica», «A mãe», «A um deus desconhecido», nomes de grandes obras literárias. A literatura também tem sido um retiro?

É claro, sem dúvida. Comecei a ler talvez com os meus 13, 14 anos, os livros que os nossos pais tinham. Os Steinbeck, os Dostoiévski, os grandes clássicos. A literatura é não só um retiro como é, por vezes, uma inspiração. Em alturas em que estamos a tentar fazer músicas, as coisas acabam por se cruzar, a leitura do livro com a procura das harmonias.

E o cinema?
Sim, desde os tempos da Sétima Legião, onde havia uma componente instrumental muito importante, já nos diziam que tínhamos um lado cinematográfico.

Nessa altura, não te passava pela cabeça que virias a fazer música para filmes.(risos) Não, não sabia se ia ser advogado, se ia ser músico. Mas a minha primeira experiência com o cinema foi em 1989, já há muitos anos.

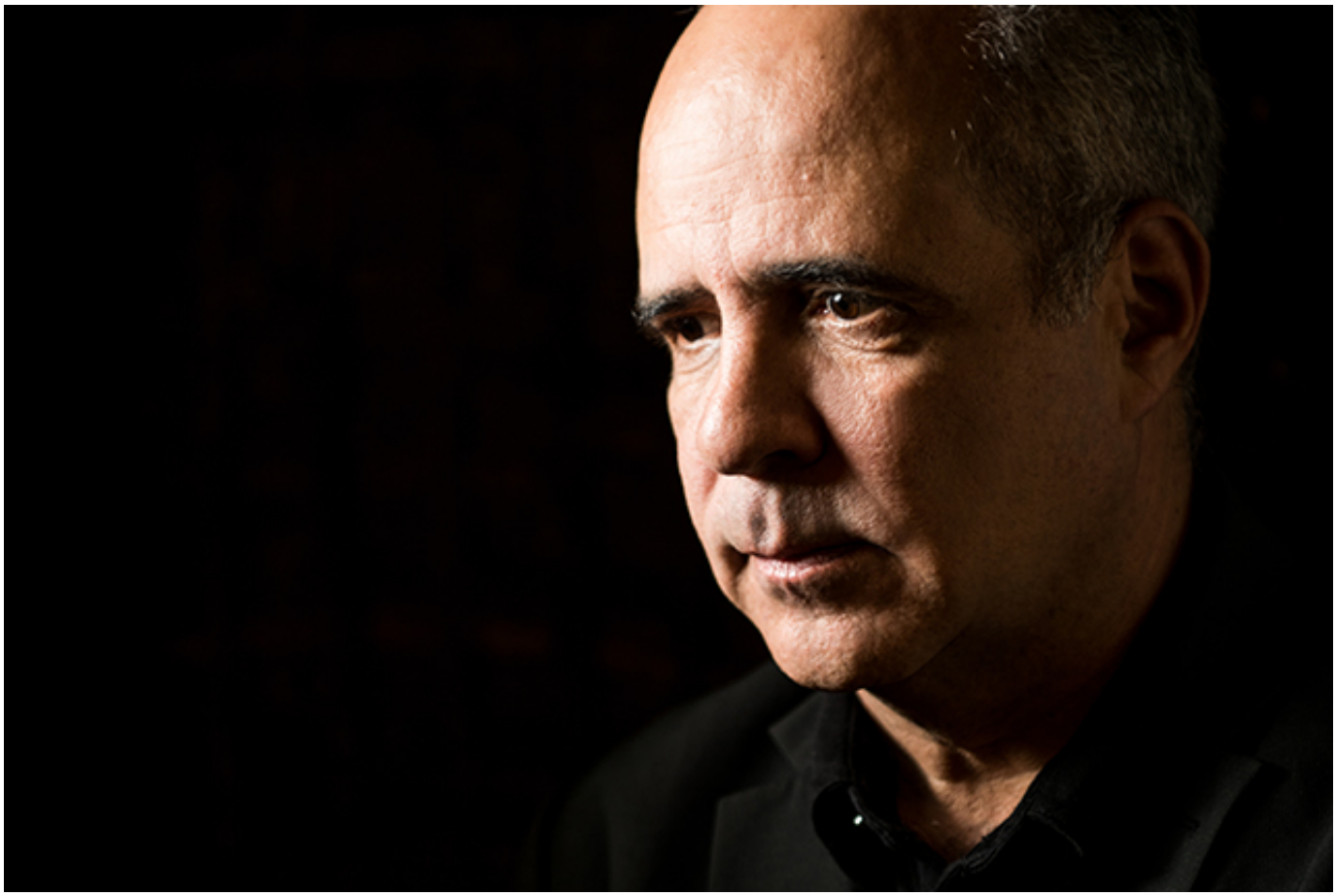
Nem pensavas que aos 50 anos ias estar a viver da música.
(risos) Não, de todo.

Achas que a tua obra pode ser uma banda sonora possível de um filme sobre o tempo que tens vivido?
Eventualmente, no sentido em que as coisas que vou fazendo estão de alguma forma ligadas. Há experiências que vou vivendo, há uma continuidade. A música acompanhou toda a minha idade adulta.

E como seria esse filme? Seria a cores ou a preto e branco? Curta metragem ou longa, drama

ou comédia?
(risos) Não sei, acho que caberia a comédia, o drama, caberia o preto e branco e as cores, acabaria por viver de contrastes como a minha música, em que tenho momentos mais intimistas e outros de mais alegria.

Hoje voltarias a fazer música *pop* 'pura'?
Ainda este ano, o trabalho *A Vida Secreta das Máquinas*, apesar de ser uma música mais eletrónica, acho que há ali um lado *pop* muito presente. Não tem é um cantor. Claro que sim, que faria.



© Rita Carmo / Espiral do Tempo

O que é que torna a música intemporal?
São as pessoas que as ouvem e, talvez, só depois de 30 ou 40 anos é que se pode classificar uma música como tal. Há músicas que foram feitas há 50 anos e que podiam ter sido feitas ontem...

O significado de 'intemporal' não é só aquele a que mais associamos a palavra — algo que não muda ao longo do tempo. Também se pode dizer de algo que não é profano, que é espiritual. Tens esse lado religioso, espiritual? Isso transpõem-se para a tua obra?
Não tenho nenhuma religião, mas acredito que isto não nasceu assim de um acaso, que deve haver muita coisa por descobrir e isso, se calhar, condiciona a nossa maneira de estar na vida e

no mundo. Religiosidade, só no sentido de nos debruçarmos sobre as grandes questões, porque é que existimos, para onde é que vamos. Falta-nos saber uma série de coisas e há quase que uma busca constante na procura de respostas. Nesse sentido, há alguma espiritualidade na forma como pensamos nos aspetos mais filosóficos da vida.

E isso passa para a tua música?
Eu julgo que sim, principalmente neste trabalho.

Assumes a melancolia e a nostalgia como elementos da tua obra. Achas que a tua música só poderia ser feita por um português e que é a tua condição de português que ajuda a conferir singularidade à tua obra?
(pausa)

Se fosses alemão, farias o que fazes da forma como fazes?
Julgo que não. Na música que faço acho que há esse lado português da saudade, da melancolia. Apesar de não fazer fado propriamente dito, mesmo nos temas cantados em outras línguas creio que há qualquer coisa que tem que ver com o facto de ser português, de viver junto ao mar. Acho que há um sentido poético na forma como alguns de nós vivemos.

Quais são os instrumentos de que gostas de te rodear, com que gostas de compor, que gostas que participem nos teus discos?
Os instrumentos que eu tenho são sintetizadores. Tenho um pequeno que anda comigo quando vou para os hotéis. Normalmente, também gosto de ter um baixo por perto, mas os sintetizadores e o vibrafone são os instrumentos que me acompanham.

Coleciona-los, colecionas objetos, musicais ou outros?
Acho que não coleciono nada (risos). Acho que a última vez que colecionei alguma coisa foi para aí com dez ou 11 anos e eram cromos.

Pensava que tinhas uma formação musical erudita, mas tocas guitarra, baixo, no teu caso, 'à Jimi Hendrix', com a guitarra e as cordas ao contrário.
Aos 12 anos, ofereceram-me uma guitarra e, como eu sou canhoto, devia ter mudado as cordas, mas não mudei. Há muita gente assim. Fui desenvolvendo uma maneira de tocar diferente das outras pessoas justamente pelo facto de ser canhoto e ter as cordas trocadas. Um amigo meu de infância, como passávamos muitas horas a tocar juntos, devia ser das únicas pessoas que percebia o que eu estava a fazer, porque normalmente olhavam para mim e não percebiam, porque os meus movimentos estavam todos invertidos. Essencialmente, fomos aprendendo uns com os outros, e o nosso objetivo não era tocar muito bem, era tocar músicas nossas. No início dos anos 80, a maior parte das pessoas gostava de aprender a tocar as músicas dos Beatles ou dos Rolling Stones, mas nós não queríamos ir por aí. Gostávamos de

fazer experiências e nunca desenvolvemos muito o lado da técnica e de tocar coisas dificílimas. Tocávamos coisas simples e acho que tínhamos a noção de que por muito bem que tocássemos, não queríamos fazer uma música muito complicada.

© Rita Carmo / Espiral do Tempo

Somos do tempo em que as divisões, na música e não só, eram mais claras: havia a *pop*, o *rock*, o *jazz*, havia os subgrupos, a linha de Manchester, que seguiste, os americanos, outros. Não se misturavam as coisas: o *rock* era o *rock*, o *jazz* era o *jazz*. E quem ouvia The Smiths não ouvia Duran Duran, ponto. Vivemos no tempo da fusão musical?
Sim, muito mais. O *boom* da *world music* contribuiu muito para que a música de fusão ganhasse importância e permitiu fazer coisas que ninguém imaginava, criando um número infinito de possibilidades. Hoje há o *tecno* e mais algumas correntes muito marcadas, mas as pessoas têm outra abertura para ouvir coisas diferentes.

É um sinal dos tempos, um reflexo de a sociedade estar mais miscigenada, menos compartimentada, ou é uma evolução meramente musical?
Penso que tem que ver mais com a evolução musical dos últimos 50 anos. Se até aos anos 90 não havia muitas misturas, a partir dessa altura perdeu-se isso. Claro que continua a haver o *jazz* clássico, por exemplo, mas há mais cruzamentos.

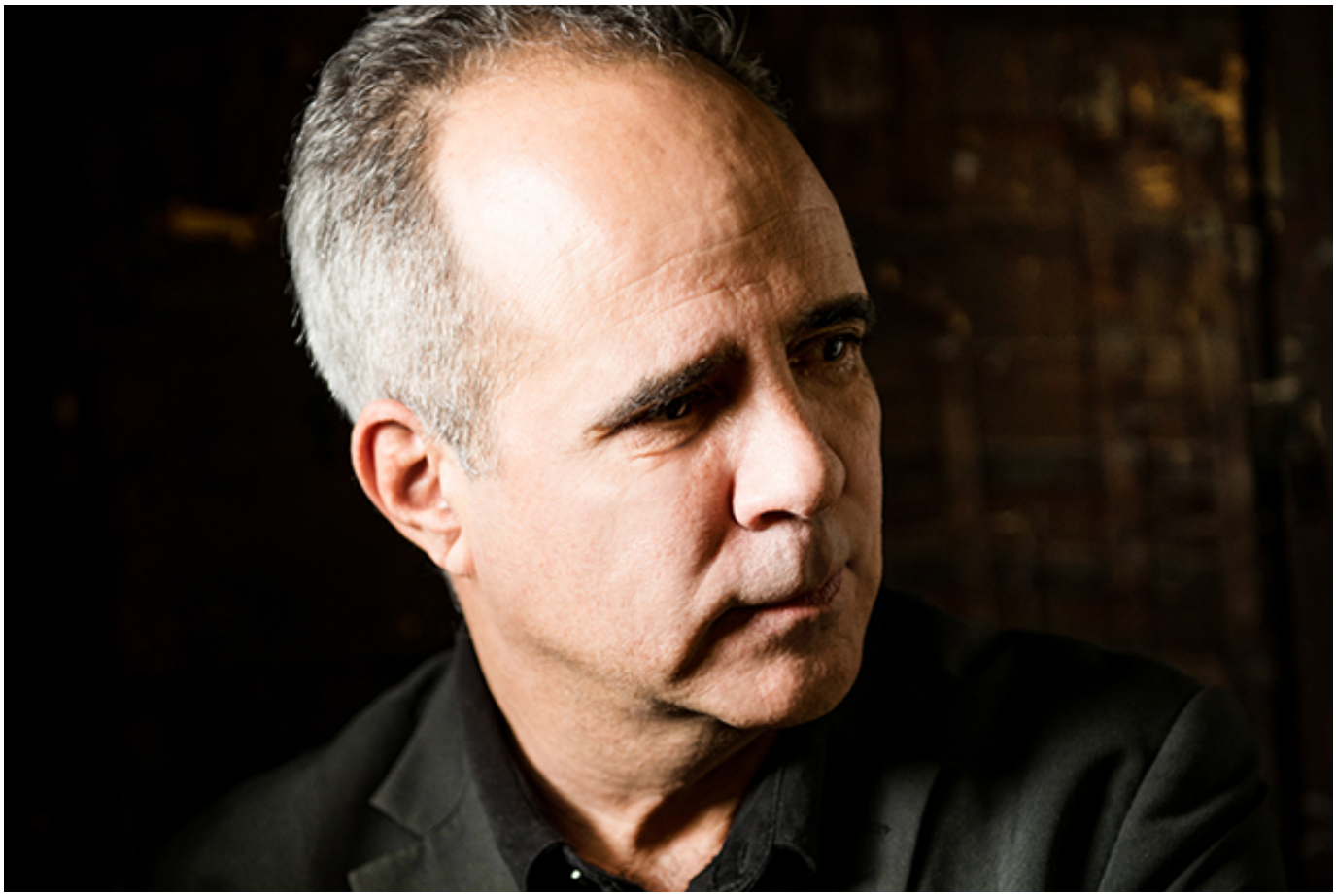
Muitos artistas portugueses, na música e não só, procuram esses cruzamentos com o

universo lusófono 'de além-mar'. Não te tem dado muito para aí, pois não?
Foram poucas as experiências, mas com a música brasileira já fiz algumas coisas. Já trabalhei com a Calcanhoto, a Rosa Passos, o Thiago Pethit. Com África, fiz um trabalho para um filme, *Njinga, Rainha de Angola*, em que andei três meses, quatro meses em paisagens fantásticas, e aí usei mais as percussões africanas. Mas era também um trabalho mais clássico, com orquestra.

Qual é o futuro da música enquanto forma de arte?
(pausa)

Não fazes a mínima ideia, é isso?
(risos)

Eu faço a pergunta porque a música é feita com x número de instrumentos e é composta com y número de notas. Até que ponto é que há limitações para a possibilidade de criação?
Acho que não há. Eu acho que o cérebro humano tem uma capacidade infinita e a verdade é que há sempre coisas novas a aparecerem, experiências diferentes. Acho que não há um teto para a criatividade.



© Rita Carmo / Espiral do Tempo

Já fizeste uma música chamada «Relógio». Tenho de te pedir para me falares sobre os relógios da tua vida. Conta-me sobre o Cauny que o teu pai te deu quando foste para o liceu, o Rolex

que compraste quando ganhaste o teu primeiro disco de ouro, o Jaeger-LeCoultre que o teu avô te deixou... Conta lá.
(risos) De facto, o meu pai deu-me um ou dois relógios que eram do meu avô e dos quais gostava, na adolescência, mas não me lembro das marcas. Há anos que não uso relógio, mas o relógio para mim é um objeto extraordinário. O passar do tempo está nas minhas músicas e nos meus discos todos. Eu olho para o objeto 'relógio' como um objeto filosófico, quase, e nesse tema até tinha sons de relógios. O próprio desenho de um relógio já entrou em vários trabalhos que fiz como, por exemplo, no «Ave Mundi».

Preferes guiar-te pelo sol que pelas horas que o relógio marca, é isso?
Eu estou atento às horas, gostaria de não ter que o fazer, mas tenho. Tenho de levar os meus filhos à escola, tenho de estudar e tento organizar-me. Acho que consigo gerir bem o meu tempo.

Não nasceste para ser uma *pop star*, pois não?
(risos) Não, não. O que eu quero mostrar, se é que eu quero mostrar alguma coisa, está nas músicas que eu faço. Tenho muita dificuldade e sou muito desajeitado nas entrevistas, mas gosto de continuar a fazer música e fico feliz com o impacto que elas têm. §

Artigos Relacionados

Jan 11, 2012
Carminho em entrevista exclusiva

Jan 8, 2016
Repetição de minutos: sonoplastia mecânica

Dez 11, 2015
#53 | Inverno 2015

Set 11, 2015
Estaremos sós no Universo?